

Anais do



48º

CONGRESSO BRASILEIRO DE

GEOLOGIA

AS GEOTECNOLOGIAS E O SÉCULO XXI

09 A 13 DE
OUTUBRO DE 2016
PORTO ALEGRE/RS
BRASIL

ISBN: 978-85-99198-13-1

Organizadores:

- Gerson Fauth
- Ariane Santos da Silveira
- Mauro Daniel Rodrigues Bruno
- Gilmar Vital Bueno
- Farid Chemale Junior
- Andréa Ritter Jelinek
- Breno Leitão Waichel

Promoção



DESCOBERTA A PRIMEIRA PALEOTOCA DA AMAZÔNIA

Adamy, A.

Serviço Geológico do Brasil – CPRM

RESUMO: O presente trabalho revela a descoberta de paleotoca escavada por vertebrados de idade pleistocênica no entorno da vila de Vista Alegre do Abunã, Rondônia, Brasil. Representa um complexo sistema de túneis horizontais interconectados, bifurcados continuamente, exibindo um alto grau de preservação, repetindo sempre uma morfologia bem definida, característica e diagnóstica das paleotocas, com forma circular a semicircular observável ao longo dos túneis, onde a largura das seções geralmente é superior a 1m podendo atingir até 2,20m (em média, 1,5m); o teto é fortemente côncavo, feição igualmente observável nas paredes laterais, frequentemente superando uma altura de 3m (em média 2,0m). A extensão longitudinal mapeada é superior a 600m, somadas todas as suas ramificações, constituindo-se em uma das maiores estruturas elaboradas por animais já identificadas no continente americano. Trata-se da primeira paleotoca identificada na região amazônica, estando implantada em sedimentos laterizados, parcialmente ferruginizados, ocupando um relevo de colinas e morros tabulares, cobertos por vegetação tropical localmente preservada.

Notabiliza-se pela acessibilidade plena de todos seus segmentos, sem preenchimentos por sedimentos, embora ocorram desabamentos localizados, bloqueando a passagem em pontos específicos.

O formato semicircular, associado às dimensões observadas, bem como a semelhança com estruturas semelhantes caracterizadas na região sul do Brasil, permitiram identificá-la como escavada por animais extintos, tais como preguiças ou tatus gigantes. O fator decisivo para associá-la as preguiças foram as marcas de garras subverticais representadas por sulcos subparalelos, evidenciados em algumas paredes e mais raramente no teto dos túneis; entretanto, não constitui uma feição muito frequente dado a natureza da unidade geológica e do desabamento parcial do teto. Embora ainda não tenham sido encontrados vestígios fósseis no interior da paleotoca, fragmentos de preguiça são bastante comuns em paleoaluviões do rio Madeira, situado nas proximidades.

A necessidade de túneis tão extensos não parece estar associada à proteção contra eventuais predadores, mas a um abrigo contra os rigores paleoclimáticos dominantes na região há pelo menos 10.000 anos, representado por um clima seco e possivelmente mais frio. Considerando a extinção da megafauna, entre elas as preguiças gigantes, ao limite pleistoceno superior-holoceno, a idade da paleotoca deve ser anterior há 10.000 anos.

Estimativas do volume escavado superam a 1.800 m³, sugerindo que gerações sucessivas de preguiças gigantes foram responsáveis pela lenta escavação da paleotoca, metro após metro, demandando um longo período de tempo.

Aparentemente, esta paleotoca é maior do que foi originalmente escavada, devido à percolação de água infiltrada (dutos verticais no teto), favorecido pelo clima amazônico, erodindo o piso dos túneis, transportando sedimentos e provocando desabamentos parciais do teto e das paredes, notadamente na estação chuvosa, quando a água flui no interior da caverna.

Uma pesquisa mais detalhada deverá ser objeto de trabalhos de campo futuros, visando à identificação de acessos alternativos a paleotoca descoberta, bem como buscar novas estruturas cavernosas na região, considerando condições morfológicas favoráveis (relevo colinoso tabular) e ambiência geológica adequada (sedimentos lateritizados).

PALAVRA CHAVE: PALEOTOCA; AMAZONIA